

50 anos após o golpe militar de 1964



1º de Abril é marcado por ato no forte do Barbalho e palestra de Waldir Pires *Páginas 7 e 8*



Consulta para Reitor acontece dias 20 e 21 de maio. Comunidade acadêmica lota debates

Páginas 5 e 6



Docentes discutem campanha salarial e condições de trabalho em assembleias

Página 2

EDITORIAL

Lembrar e avançar

50 anos do golpe militar de 1964, 30 anos da primeira consulta para constituição da lista para Reitor da UFBA, 25 anos da formalização da filiação da Apub à CUT.

Este exemplar reflete o modo como a Apub comemora estes aniversários. Duas matérias (Páginas 7 e 8) sobre eventos no dia 1º de abril. À noite, na Escola Politécnica, a Apub promoveu, juntamente com o Senge (Sindicato dos Engenheiros da Bahia) e o IZO (Instituto de ação geopolítica José Olívio Miranda), o evento "50 anos do golpe de 64", centrado em

palestra de Waldir Pires, testemunha e ator privilegiado da história. O local tem grande simbolismo. A Apub nasceu da reação à ação policial na Politécnica e seu primeiro presidente, Guilherme Radel, é professor (hoje aposentado) da Politécnica. Na manhã apoiou o evento "Viva a liberdade", que obteve grande repercussão midiática. O ato ocupou o Forte do Barbalho, simbolizado como principal centro de tortura no Regime Militar.

Nos trinta anos da consulta para Reitor, comemoram-se o

avanço e a consolidação do processo democrático. Na primeira consulta para Reitor, elegeu-se uma lista sêxtupla, mas o resultado não foi respeitado. Em 1984, também se lançou a campanha para a eleição dos diretores. Esta vitoriosa. A grande maioria ou a quase totalidade das congregações indicou o mais votado e, a partir daí, a "tradição" se institucionalizou. Para o reitorado, demorou. Mas, nas três últimas eleições, os candidatos se comprometeram a não aceitar sua inclusão na lista tríplice, o que os atuais candidatos reafirmaram.

Assim, enquanto não se muda a lei, na prática, a eleição se conclui na universidade. A apresentação das candidaturas (páginas 5 e 6) registra esta vitória democrática. Duas outras matérias mostram o exercício da democracia na Apub: uma sobre as assembleias (página 2), outra sobre o Seminário Produção Acadêmica na universidade: dinâmica e desafios (Páginas 3 e 4). A democracia inclui o aprofundamento de questões importantes para a definição de políticas, e definir produção acadêmica e como deve ser avaliada é fundamental

para o projeto da universidade.

A filiação à CUT (aprovação em AG da APUB em 14/12/88, registro na CUT em 10/02/1989) abre espaço não só para apoiar as lutas dos trabalhadores quanto para reforçar ou incluir, na sua pauta, as demandas dos servidores públicos federais e por uma universidade pública, gratuita e democrática.

Nos 50 anos do golpe, o lema é "para que nunca se esqueça, para que nunca mais aconteça". Nos outros aniversários é lembrar para avançar na democratização da sociedade.

MOVIMENTO DOCENTE

Sindicato realiza assembleias em abril e maio

De 11 de abril a 06 de maio, a APUB realizou 04 assembleias. Os resultados de todas foram divulgados nos informativos semanais. Cabe brevemente registrá-los neste jornal.

No dia 11 de abril foram 2 Assembleias. Uma extraordinária (exigência estatutária) para definir posições e eleger seis delegados para a Plenária Estadual da CUT, na qual a APUB comemorará seus 25 anos de filiação. Foram aprovadas propostas para fortalecer, ou incluir, na pauta da Central, demandas dos servidores federais e colocar no seu horizonte a defesa do acesso dos trabalhadores à Universidade Pública, Gratuita e democrática.

A segunda prosseguiu e ampliou a avaliação das condições de trabalho (sobrecarga, insalubridade, especialmente) a defesa dos aposentados ameaçados por orientações normativas (aposentadoria especial) ou erro do MPOG (art. 192); carreira e

campanha salarial (análise das propostas do PROIFES e ANDES, inclusive). A AG convocou nova assembleia para o dia 24 de abril na qual se aprofundou as demandas e definiu mobilização e AG no dia 06 de maio. Apesar da oposição da diretoria, arguindo que a proposta desconsiderava a realidade, foi decidida pelos presentes no fim da AG (13 sim X 8 não, 2 abstenções) a decretação de paralisação dos docentes em 21 de maio, 1º dia da eleição para Reitor. Para continuar a discussão das condições de trabalho e campanha salarial foi decidida nova AG para o dia 14 de maio.

Nas assembleias, posições da diretoria foram assumidas como consensuais: implantar a progressão para titular, defender as 8 horas mínimas semanais em sala de aula, continuar a luta contra a desestruturação da carreira, que vem da década de 1990, inclusive propondo steps



Por 13 a 8 votos, docentes aprovam paralisação no dia da eleição para reitor



Assembleias do dia 11 elegem delegados e aprofundam discussões

percentuais entre os níveis, são exemplos. Outras enfrentaram

resistência e, no dia 06, derrota. A manutenção e ampliação da

participação é parte do exercício democrático.

SEMINÁRIO APUB

Seminário sobre produção acadêmica vai virar livro

Questão central na vida docente dentro da universidade. Assim é considerado o tema do Seminário realizado pela Apub Sindicato, nos dias 28 e 29 de abril passado – Produção acadêmica na universidade: dinâmica e desafios. Durante os dois dias de evento, discutiu-se o que significa produção acadêmica, como esta pode ser administrada, avaliada e aprimorada.

Além disso, os participantes discutiram como os professores podem transformar a instituição de ensino na universidade desejada pela comunidade: de excelência, que expresse os compromissos com as mudanças, necessidades e demandas sociais, dentro do que é mais específico, que é a produzir conhecimento e transformá-lo em uma alavanca de transformação do mundo e da sociedade.

O Seminário foi bastante rico, com contribuições de professores de várias instituições. Destas, podem ser extraídas análises e questões que os palestrantes deixaram para serem pensadas. Tanto que a diretoria da Apub acolheu a proposta de que as reflexões sejam transformadas em livro, a ser publicado ainda este ano, de maneira documentar e disponibilizar permanentemente as contribuições do Seminário.

A conferência de abertura

O professor Moisés Martins, da Universidade do Minho (Por-



tugal), apresentou a realidade vivida naquele país, a partir do olhar das Ciências Sociais e Humanas, que estão tendo dificuldades no sistema montado de avaliação das universidades, dos cursos e da avaliação dos docentes.

Uma visão bastante crítica do processo, que, segundo ele, é guiado por normas tecnocráticas, burocráticas e administrativas, que têm tido uma ressonância muito grande nas IFES, principalmente nesta conjuntura de crise na Europa, onde os financiamentos se tornaram mais escassos. Segundo o professor, somente as ciências e artes com grande visibilidade estão conseguindo algum recurso.

A conferência de abertura atendeu ao objetivo de romper com a ideia de que produção se reduz a artigos e publicações, mostrando que produção acadêmica tem um conceito bem mais

amplo e que todo professor está envolvido em uma atividade produtiva, seja de ensino, seja de pesquisa, seja de extensão ou gestão, e que todas essas atividades configuram o que deve ser considerado como produção acadêmica.

O professor destacou que, atualmente, a universidade é regida pela mobilização tecnológica, atrelada ao marketing, e tem sido estruturada como se fosse empresa, na qual os professores teriam de ser empreendedores, a educação seria serviço e os alunos seriam clientes. Nesta realidade, os professores seriam induzidos a tornarem-se caçadores de bolsas científicas, que os coloquem em congressos, revistas científicas e projetos de pesquisa, com os quais possam concorrer a prêmios.

Para ele, no entanto, os números (quantificação da produção científica) e rankings

(que reproduzem as dinâmicas do mercado) não deveriam se constituir como a preocupação maior das instituições de ensino superior, pois não é só isso que faz uma universidade de excelência.

As mesas temáticas e ricos debates

A primeira mesa temática – Modos de Produção Acadêmica e Circulação do Conhecimento – buscou debater modos de produção e circulação do conhecimento, com a ideia central de discutir como é que se produz conhecimento atualmente, quais as novas formas e arranjos, que transformações estão ocorrendo nos contextos institucionais, fazendo com que a forma como se trabalha hoje seja diferente da anterior. Isso tudo, considerando que há impactos nos resultados e nos in-

dicadores de produção.

Participaram da mesa três professores – Abel Packer (Programa Scielo/Fapesp), Maríá Eloísa Martín (UFRJ) e Martha Tupinambá (UNIRIO) – que trouxeram visões e perspectivas bem diferentes. Abel se ateve à experiência da Scielo, apresentando um panorama da produção científica brasileira, comparando-a com a internacional, citando uma série de especificidades, particularidades, dificuldades. Eloísa falou a partir da experiência como editora de periódico internacional – a revista *Current Sociology* –, abordando as dificuldades de publicar um artigo em uma revista de padrão internacional, os índices de recusa e os processos. Martha trouxe as especificidades da produção artística, cultural, e as particularidades de produzir conhecimento no campo das artes, apresentando breve histórico.

Foi uma mesa que permitiu o diálogo sobre a internacionalização, as barreiras e as dificuldades para fazer o conhecimento gerado na universidade circular fora do país e dos muros das instituições de ensino. Os debatedores mostraram a grande diversidade das áreas de conhecimento na forma de trabalhar e produzir conteúdo.

A segunda mesa – Gênero e Produção Acadêmica –, realizada no segundo dia, discutiu as questões de gênero na produção acadêmica. Em resumo,



SEMINÁRIO APUB



as expositoras trataram sobre a permanência da relativa “invisibilidade” da mulher para a ciência, as dificuldades enfrentadas na progressão da carreira, especialmente, em algumas áreas. Além disso, citaram políticas públicas, procurando mostrar como a mulher tem papel importante na ciência e como enfrentar estas limitações impostas.

As professoras Hildete Melo (UFF) e Márcia Barbosa (UFRGS) avaliaram a questão na perspectiva de gênero, mostrando diferenças interessantes, inclusive salariais, mesmo entre professores universitários, apontando que esta discriminação está presente também na carreira docente.

A mesa 3 trouxe o tema Produção Acadêmica e Gestão, na qual foi destacado que os professores ingressam na universidade, fazendo concursos, guiados para as atividades de ensino, enquanto pesquisa e extensão são vistas como atividades voluntárias, feitas por quem deseja e tem vocação. Assim, seriam mais difíceis de ser pla-

nejada, acompanhada, avaliada, colocando desafios para a gestão e planejamento da universidade.

O professor Manoel Barral (UFBA/Fiocruz) analisou esses processos, articulando, sobretudo, a partir da avaliação, as dificuldades de a avaliação, que gera conhecimento, transformar-se em ação e as informações serem usadas para aprimorar os cursos e melhorar o ensino na graduação. O professor Emmanuel Tourinho (UFPA) apontou alguns mitos sobre a produção científica. Ele desmente que só é produtivo quem publica. Pois, a produção é muito mais do que publicar. Mas, ao mesmo tempo, o pesquisador tem que publicar. Quem opta pela pesquisa na universidade, pelo conhecimento, não pode se furtar a tarefa de submeter o produto do seu trabalho ao crivo da sua comunidade científica e ao crivo da crítica, ainda subjetiva. O professor fez também uma análise das condições institucionais que muitas vezes dificultam, impedem e são barreiras efetivas para a produção

de conhecimento e para a produção em geral na universidade.

A última mesa foi centrada em produção e avaliação, com as contribuições da professora Rita Barata (FMSCSP - Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo) sob o olhar a partir da pós-graduação, apontando a sua evolução, dinâmica, dificuldades, limites e desafios. O professor Robert Verhine, pró-Reitor de Pós-Graduação da UFBA, faz análise equivalente, só que sobre a graduação, na qual a produção, de qualquer tipo, é uma dimensão praticamente esquecida na avaliação. É como se o aluno pudesse passar pela experiência formadora sem ter contato com a pesquisa, com a publicação e, nas instituições privadas, com professores doutores, dado o pouco peso que esses indicadores têm.

Candidatos a Reitor apresentam suas opiniões

Os quatro candidatos ao cargo de Reitor da UFBA falaram

sobre a temática do seminário. Dirceu Martins (Chapa 4) refletiu que a universidade não deve produzir para ela mesma, por isso a publicação é importante. Destacou ações internas de pró-reitorias a partir de experiências como o Edital “Ideias Inovadoras”. Com base em sua própria trajetória há 11 anos na atividade meio, salientou que é importante garantir o suporte aos estudantes e pesquisadores para a produção acadêmica.

Nelson Pretto (Chapa 2) fala da importância da produção acadêmico-científica em diferentes suportes e ferramentas. Ressalta que é importante também refletir o que é a produção acadêmica em cada uma das áreas. Critica o sistema atual de avaliação que privilegia determinados campos em detrimento de outros.

Luiz Rogério Leal (chapa 3) destacou a necessidade de colocar em pauta a produção acadêmica e os desafios na universidade. Ele reconheceu que a função do sindicato, além de fazer política por melhores salários e condições de trabalho,

é também estimular encontros iguais a este. Destaca os avanços alcançados nos últimos anos, através de editais e programas, a evolução dos conceitos dos cursos/programas e o reconhecimento de novas modalidades de produção de conhecimento a partir do IHAC.

João Carlos Salles (Chapa 1) falou um pouco de sua experiência na Caps e na Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia. Criticou a subserviência dos programas em relação às avaliações onde os coordenadores têm se tornado mais “capesianos”, que a própria CAPS. E isso tem sido evidenciado com maior frequência nas instituições menos capazes de reagir aos critérios de avaliação e construir padrões outros.

Todos os reitoráveis reconheceram a importância de discutir a produção acadêmica, mas não houve consenso na realização do debate com a plenária após a fala dos mesmos.

Os vídeos da conferência, mesas e participação do reitoráveis estão disponíveis no site da Apub Sindicato.



CONSULTA UFBA

Eleições para Reitor e Vice-Reitor

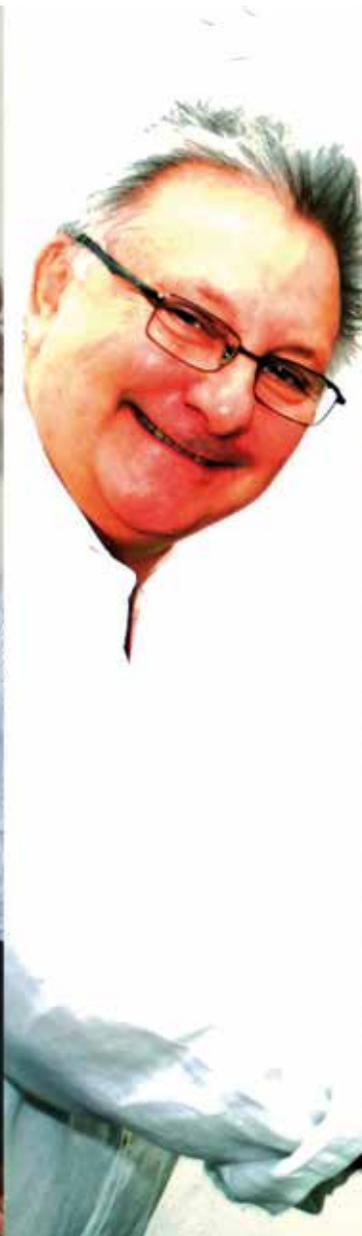
A comunidade acadêmica da UFBA terá, mais uma vez, a oportunidade de exercer a democracia. Nos dias 21 e 22 maio, será realizada consulta para Reitor e Vice-Reitor da universidade, para escolher os docentes que estarão à frente da instituição pelos próximos quatro anos (2014-2018).

Até lá, os quatro candidatos, todos filiados à Apub e militantes pela melhoria das condições de trabalho da categoria, estão em campanha eleitoral, apresentando aos docentes, discentes e servidores técnicos administrativos seus planos de gestão. Tiveram oportunidade de divulgar suas propostas durante os debates, ocorridos nos dias 23 de abril, 8, 13 e 16 de maio.

Conheça um pouco sobre os candidatos, a partir dos documentos apresentados no ato da inscrição das chapas, na sede da Apub:



João Carlos Salles (FFCH)



Nelson Pretto (FACED)



Luiz Rogério Leal (IGEO)



Dirceu Martins (IQ)

Chapa 1: Uma construção coletiva

João Carlos Salles (FFCH) – graduado e doutorado em Filosofia. Ex-diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, e Coordenador Adjunto de Filosofia na CAPS.

Paulo César Miguez (IHAC) – doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Ex-coordenador do Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade da UFBA

“Firmamos compromisso com a defesa irrestrita da excelência acadêmica e da inclusão social, com a autonomia da universidade e o aprofun-

damento da democracia. Neste espírito, estamos construindo coletivamente a nossa candidatura e um detalhado programa de gestão, para o qual os colegas afinados com esses princípios e propósitos estão convidados a contribuir”

Propostas

Trabalhar ações para firmar uma UFBA republicana, que trate com igualdade todos os cursos e unidades, respeitando as especificidades, combata o elitismo e defenda a produção acadêmica, não o

produtivismo quantitativista, reconhecida por sua qualidade, boas instalações e condições de trabalho e atendimento à comunidade estudantil, a partir de políticas públicas de acesso e permanência; priorizar a inclusão social e a internacionalização, firmando-a como instituição de ensino pública de qualidade.

Chapa 2: Autonomia e diferença

Nelson Pretto (FACED) – graduado em Física, doutor em

Ciências da Comunicação. Ex-diretor da Faced. Membro da Academia de Ciência da Bahia. Editor da Revista Entreideias **Ângelo Serpa (IGEO)** – doutor em Planejamento Paisagístico e Ambiental. Editor da Revista GeoTextos e membro do Conselho editorial da Edufba

“O princípios da democracia universitária inscrevem-se, como inspiração e compromisso, em uma caminhada universitária socialmente referendada, e as propostas resultam de um diálogo com o fazer das pró-reitorias, direções de

unidades, movimento sindical e estudantil. Assumimos a dimensão do coletivo, como algo orgânico à nossa vida, e que terá que ser a marca da nossa gestão”.

Propostas

Expansão da UFBA com qualidade social, a partir da construção de um Plano Diretor e de Desenvolvimento Institucional; melhoria da infraestrutura e da segurança dos campi; valorização dos servidores; diálogo permanente com os movimentos so-

CONSULTA UFBA

ciais, especialmente docente, técnico administrativo e estu-
dantil; integração com demais
instituições de ensino superior;
transparência e controle social;
estímulo à memória e à preser-
vação do acervo histórico.

Chapa 3: Avançar na participação e qualidade

Luiz Rogério Leal (IGEIO) –
vice-reitor, formado em Geolo-
gia e pós-doutor em Hidrogeo-
logia. Presidente da Comissão
de Implantação do Campus
Universitário em Camaçari

Eliene Costa (TEATRO) – di-
retora da Escola de Teatro da
UFBA, graduada em Direção Te-
atral pela Universidade Federal
da Bahia e pós doutora em Artes

“Propomos uma gestão
participativa, com olhar volta-
do para as pessoas. Para tanto,
devemos avançar, aprofunda-
ndo a autonomia universi-
tária, ampliando a participa-
ção e o compromisso social.
Queremos mais pesquisa de
qualidade e extensão, interna-
cionalização e interiorização,
mais assistência estudantil e
qualificação das ações infor-
mativas, melhorias das salas
de aula e laboratórios, fortale-
cimento e valorização das car-
reiras docente e dos técnicos
administrativos”

Propostas

Desburocratizar a univer-
sidade, adequando o Estatuto
e o Regimento Geral; ampliar
mecanismos de acesso à in-
formação; construir Plano
de Desenvolvimento Institu-
cional; internacionalização;
ampliar os cursos noturnos,
de pós-graduação e extensão;
consolidar plano de segurança
nos campi; incentivar núcleos
de pesquisa; buscar recursos
para a construção do Com-
plexo Esportivo Educacional;
qualificar e construir residên-

cias universitárias; incentivar
a qualificação de técnicos ad-
ministrativos.

Chapa 4: UFBA para todos

Dirceu Martins (IQ) – pró-Rei-
tor de Administração da UFBA.
Formado em Química e doutor
em Ciências/Química Orgânica.
Membro do Consuni

Sueli Holmer Silva (IBIO) –
Doutora em Educação ambiental.
Diretora do Instituto de Biologia
e coordenadora do Colegiado
de Pós-Graduação em Educação
Ambiental à Distância (EAD)

“Propomos uma gestão
pautada na ética e na huma-
nização do trabalho e nas
relações humanas na univer-
sidade, tendo como eixo o di-
álogo amplo, democrático e
permanente, de modo a criar
relações de poder horizontais,
nas quais todos tenham os di-
reitos assegurados e opiniões
respeitadas. Queremos garan-
tir o desenvolvimento das ati-
vidades de ensino, pesquisa e
extensão, com ampliação da
qualidade e crescimento da in-
clusão social”

Propostas

Administrar a universidade
de forma republicana, respei-
tando as decisões nas instân-
cias institucionais; avançar
nas políticas de permanência
e ampliação das ações afirma-
tivas e relativas à assistência
estudantil e ações; investir na
infraestrutura material e de
pessoal; desenvolvimento do
ensino, pesquisa e extensão,
visando o pleno funcionamen-
to dos campi nos três turnos;
valorizar e qualificar técnicos
administrativos; melhoria das
condições de trabalho; cons-
trução de um centro de espor-
tes moderno; implantação dos
turnos contínuos.



50 ANOS DO GOLPE MILITAR

De prisão a palco da liberdade

Antigo centro de tortura, Forte do Barbalho sedia evento pelo Direito à Memória



Por Ana Fernanda Souza

“Viva a Liberdade!” – a palavra de ordem deu nome ao evento que marcou os 50 anos do Golpe de Estado no Brasil. O local escolhido não poderia ser mais simbólico: o Forte do Barbalho, o principal centro de tortura de presos políticos da Ditadura em Salvador. De propriedade da União, o Forte hoje está cedido à Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (SECULT), que abriga no local uma variedade de atividades ligadas aos setores da arte e cultura.

Joviniano Neto, da Coordenação do Comitê Baiano da Verdade, promotor do evento, Mrcelino Galo, presidente da Comissão da Verdade da Assembleia Legislativa, Albino Rubim, secretário estadual da Cultura da Bahia, e Paulo Pontes, preso político mais tempo preso, descerraram a placa, na qual se lia: “Aqui funcionou o maior centro de tortura de presos políticos na Bahia no período ditatorial (1964-1985)”. Seguiu-se uma caminhada pelo Forte, em que os detalhes da violência a que os presos políticos foram submetidos se mostrou:

o tanque onde se realizavam as sessões de afogamento, a “cadeira do dragão”, onde a vítima recebia choques elétricos, a própria máquina de choques e o pau de arara: artefatos do horror contra a dignidade humana.

Em um palco, e tendo como coordenadores Joviniano Neto, também presidente do Tortura Nunca Mais, e a professora Amábíla Almeida, ambos do Comitê Baiano pela Verdade, alternaram-se nomes importantes na luta pelos Direitos Humanos.

Um ato inter-religioso abriu os trabalhos, ao qual se seguiu a leitura do manifesto Verdade e justiça, pela interpretação da Lei da Anistia, lido por Luiz Viana Queiros, presidente da OAB-BA. A reinterpretção permitiria responsabilizar os torturadores.

A fala mais emocionada foi, sem dúvida, a de Paulo Pontes. “Falar desse quartel significa falar sobre a tortura, uma dor que permanece, mas que nós que conseguimos sobreviver junto com todos os outros companheiros temos razão para continuar protestando, denunciando a tortura a que fomos submetidos, a tortura física e psicológi-

“ **Aqui funcionou o maior centro de tortura de presos políticos na Bahia no período ditatorial (1964-1985)**”.

Placa afixada no forte do Barbalho

ca”. Bastante emocionado e com dificuldades em falar, ele rendeu homenagem a toda a resistência da ditadura. “Durante algum tempo, eu fazia diferença entre quem falou mais e quem falou menos. Mas são heróis também aqueles que falaram e que falaram tudo, porque não aguentaram. Porque foi possível sobreviver e chegar a este momento, a democracia que construímos. Se houve ditadura, houve resistência”.

A fala de Paulo Pontes foi seguida da de Diva Santana, representante dos mortos e desaparecidos da Ditadura; Carlos Augusto Marighella, representante dos advogados dos presos políticos e anistiados. Os ex-presos políticos emocionaram os participantes ao cantar o Hino

da Cadeia. Falaram ainda os representantes das diversas Comissões da Verdade: Comissão Estadual, Jackson Azevedo; Comissão da Faculdade de Direito, Carlos Freitas; Grupo de Jovens Levante da Juventude, Hugo; Comissão da Verdade da OAB, Jeferson Braga; Comitê Baiano pela Verdade, Ivan Braga; e Comissão de Verdade da UFBA, Emiliano José, juntamente com o estudante Leandro Coutinho.

O último a falar foi o Secretário de Cultura do Estado, Albino Rubim, representando tanto o governador do estado, Jaques Wagner, quanto o Secretário de Cultura, Oswaldo Barreto: “A democracia é um processo, estamos construindo essa democracia. Não é ainda a democracia que queremos, mas é a democracia que conseguimos. Temos que continuar lutando, para radicalizar a democracia”, convocou o secretário. “Viva a liberdade!”.

A Apub apoiou o evento divulgando, patrocinando camisas e comparecendo. A diretoria abriu lista de abaixo-assinado e a presidente, Cláudia Miranda, compôs a mesa de fechamento.

“ **Falar desse quartel significa falar sobre a tortura, uma dor que permanece, mas que nós que conseguimos sobreviver junto com todos os outros companheiros temos razão para continuar protestando, denunciando a tortura a que fomos submetidos, a tortura física e psicológica**”.

Paulo Pontes

50 ANOS DO GOLPE MILITAR

“Não temos direito ao pessimismo”

Nos 50 anos do Golpe de Estado, Waldir Pires dá aula de democracia e esperança

Por Ana Fernanda Souza

“A essa hora, há 50 anos, a situação era gravíssima” – o vereador e ex-governador da Bahia, Waldir Pires, era Procurador-Geral da República de João Goulart e testemunhou o Golpe de 1964. Tornado símbolo da luta pela redemocratização do país pela sua atuação, ele deu uma verdadeira aula de história na palestra “50 anos do Golpe de 64”, realizada em 1º de abril, no Auditório Leopoldo Amaral, da Escola Politécnica da UFBA. O evento foi uma realização do Sindicato dos Professores das Instituições Federais de Ensino Superior da Bahia (APUB), Sindicato dos engenheiros da Bahia (Senge-Ba), o Instituto de Ação Geopolítica Zé Olívio Miranda (IZO).

A palestra de Waldir foi precedida pela fala de militantes e ativistas dos Direitos Humanos, testemunhas do período tenebroso que o país viveu ao longo dos 21 anos de Ditadura Militar. O professor Joviniano Neto, diretor da APUB e militante pela abertura dos arquivos da ditadura, falou da vinculação da APUB com a luta pela democracia: “A APUB nasceu em 68, em reação a ataques à Escola de Economia e à Escola Politécnica. E, a partir daí, a APUB tem atuado na luta pela democracia na sociedade brasileira e principalmente da democratização da Universidade”.

Única mulher à mesa, a professora Amábilis Almeida, professora aposentada compulsoriamente pela Ditadura sob alegação de fazer resistência ao Golpe de Estado, compartilhou a dor de ser impedida de lecionar, de escapar por poucos segundos da prisão e de ter o marido preso. Seguiram-se a ela os de-

poimentos de Paulo Pontes – segundo brasileiro a ser condenado à prisão perpétua durante a ditadura, pela militância no PCB; João Barroso Neto, que deu o ponto de vista dos marinheiros punidos; e Virgildásio Sena, prefeito de Salvador à época do golpe. Emocionado, este compartilhou com a plateia um fato inédito sobre o período em que ficou preso: uma proposta de ser reintegrado ao cargo de prefeito, caso desviasse verbas em favor de um deputado. “Uma proposta tão indigna, tão canalha, que eu jamais contei a alguém, porque me sinto envergonhado dessa história”.

Esperança – Antes de dar detalhes da fatídica noite que mergulhou o país na ditadura, Waldir Pires celebrou a realização do evento: “Uma das coisas mais atroz foi não permitir que a sociedade brasileira tivesse conhecimento do golpe, e de não permitir igualmente que pudesse ser transmitida para as sucessivas gerações de nossa juventude as informações do golpe de estado”. A visão do parlamentar é de que o golpe, consumado de 20 a 30 minutos depois de iniciado o dia 02 de abril, atrasou em muito o processo democrático brasileiro.

“Um dos atos mais indignos foi a posição do Congresso Nacional. O presidente da República que eles afastaram era um presidente que tinha toda uma marca das transformações, de uma inclusão social maior”, avalia. “Elas vinham da experiência de Getúlio Vargas, um grande inovador da inclusão social, que assegura a previdência social e os direitos do trabalhador. João Goulart vem dessa origem e dessa ligação com a ideia de organizar os trabalhadores”.



Apesar das atrocidades cometidas ao longo da ditadura, Waldir deixou um sentimento de esperança. Ao fazer um apanhado histórico da democracia no Brasil e no mundo, o parlamentar não apenas deu uma aula, como mostrou que, ainda que

lentamente, o país já deu muitos passos em direção à democracia. “Não temos o direito ao pessimismo. O processo democrático é assim, profundamente atrasado, mas tem muito pouco tempo”, ensinou. “Por que não podemos ter saudade do passa-

do? Porque era a força, a estupidez, a ganância, a brutalidade. A democracia, nós vamos ter que construir em cima e a partir de princípios e valores que incluam a sociedade inteira. Temos que transformar a nossa posição de luta, dizer que é possível e é”.